

Rural Semanal

Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ANO XXV - nº 15 - 10 a 16 de dezembro de 2018



UFRRJ

Estímulo à internacionalização

Universidade investe em ações
de mobilidade acadêmica

P.5

Entrevista: Elias dos Santos Silva Jr.

Servidor técnico da
UFRRJ desenvolve projeto
que auxilia estudantes
deficientes visuais

P.3



O ano de 2018 está chegando ao fim e, apesar das dificuldades, foi um ano muito importante para a UFRRJ em termos de realizações. Durante este ano, podemos destacar a inauguração do novo prédio da biblioteca Central, obra desejada há tanto tempo pela comunidade universitária, e a movimentação de 220 vigilantes da CBTU para a Rural, aumentando a ação da DGV dentro dos quatro campus da instituição. Além disso, no campo administrativo, demos continuidade à implantação do Sistema Integrado de Gestão (SIG) no módulo de Recursos Humanos (SIGRH) e no módulo Administrativo (Sipac), além da preparação para a entrada do módulo acadêmico (SIGAA) na graduação.

No que se refere à execução do orçamento, este ano foi bastante positivo. Na parte do custeio, as contas foram mantidas equilibradas e ainda foi possível realizar vários serviços de manutenção e reformas prediais, e de manutenção da fibra ótica. Na parte de capital, o ano foi mais positivo ainda. Com a execução do recurso ordinário somado aos recursos de emenda parlamentar e de Termo de Execução Descentralizada (TED) de vários ministérios, a UFRRJ conseguiu licitar obras de grande impacto acadêmico e de qualidade de vida para a comunidade: a reforma e ampliação do Hospital Veterinário, segunda fase da reforma e ampliação do Restaurante Universitário, os blocos da Física 1 e da Física 2 do PAP, a pavimentação de toda a entrada do P1, complementação do Hotel Universitário, a subestação elétrica dos prédios do Pitágoras e do Anexo III do ICHS e a reforma de mais banheiros dos alojamentos. Ademais, foram empenhados recursos para compras de máquinas e equipamentos, dando prioridade ao atendimento a salas de aula.

Portanto, enquanto avançamos na organização interna, e no desempenho administrativo, os futuros anos serão fundamentais para consolidarmos a qualidade dos cursos oferecidos na UFRRJ. O próximo ano testará nossa capacidade de mobilização para fortalecer a universidade pública e gratuita.

Opinião

Crime organizado:

o calcanhar de Aquiles de Bolsonaro.

José Cláudio Souza Alves, professor do Departamento de Ciências Sociais/ICHS/UFRRJ

Por que policiais, traficantes e milicianos votaram em Bolsonaro? Cada um destes tem seus interesses próprios e objetivos específicos, mas há um elemento comum: o aumento dos confrontos traz ganhos para todos eles.

Mais repressão eleva o preço do mercado de drogas e somente grandes facções permanecerão – as que conseguirem controlar a fronteira e os corredores para os países latino-americanos produtores de drogas. A indústria bélica terá uma explosão na demanda, aquecida legal e ilegalmente, já que o tráfico de armas segue em paralelo ao tráfico de drogas, milícias e maior letalidade policial. Fuzis AR15 e AK47 passarão a conviver com metralhadoras Ponto 30 ou Ponto 50. O suborno extraído do traficante aumentará e a resposta dos traficantes às operações se intensificará. Policiais poderão estabelecer novos patamares de ganho a partir do aumento da repressão. Milicianos ampliarão suas taxas de lucro. Preços da segurança cobrada de moradores e comerciantes, do gás, da água, da “vanzinha” serão majorados. Ou poderão ser reduzidos, dependendo da escala que alcancem num cenário de fortalecimento do controle militarizado das áreas. Milicianos já não precisarão mais de gorro, num cenário de abatimento liberado de negros, pobres favelados e moradores de periferia. Uma profissão em ascensão no mercado de trabalho do crime organizado.

Todo o tabuleiro do mundo do crime passará a se mover em um novo cenário. Líder de grupo de extermínio em consórcio com traficantes, antes por ele executados, participarão de licitações na prefeitura para drenarem os fundos públicos. Milicianos, prefeitos, vereadores, deputados e secretários municipais retalharão os patrimônios naturais, logísticos e de serviços públicos nos acordos de manutenção dos grupos dominantes. Traficantes cobrarão taxas de segurança e milicianos ampliarão sua presença no tráfico de drogas. Chacinas invisíveis – não registradas pela polícia nem noticiadas pela mídia – redefinirão as fronteiras entre facções, milícias e batalhões. Mortes diárias pulverizadas no cotidiano da população seguirão a correnteza do velho silêncio dos que buscam permanecer vivos. O grande capital fará arranjo com aqueles que lhe deem maior retorno e maior garantia de proteção.

O calcanhar de Aquiles desta proposta política, então, começará a se revelar. Policiais, traficantes e milicianos eleitores de Bolsonaro, visando ampliar seus ganhos, corroerão, por dentro da estrutura política, o pilar da segurança pública. As contradições internas à relação dos interesses, potencializadas pelo aumento do conflito e dos ganhos, solaparão, progressivamente, a sustentação deste pilar da oratória bolsonariana. As bases do edifício estão calcadas no que promoverá a sua ruína, num cenário de ampliação do fosso social, a partir de medidas privatizantes e supressoras de direitos.

Movimentado pela incessante entrada de dinheiro, cuja regulação é a medição de força, via conflitos pelo controle de áreas, o mercado do crime organizado, no ventre do Estado bolsonariano, irromperá na desilusão da massa que o elegeu. Incontornável, há que outros arranjos dará ensejo? Amputará as pernas que o sustentam?

Este espaço é destinado prioritariamente a colaborações da comunidade universitária. O texto deve ter título e nome completo do autor, com tamanho entre 20 e 25 linhas, fonte Arial 12 e espaçamento 1,5. As opiniões expressas são de responsabilidade exclusiva de seus autores. O material deve ser enviado para o e-mail comunicacao@ufrrj.br. Também serão publicadas, esporadicamente, reproduções e adaptações de artigos de outras fontes.

Aviso – Textos e imagens publicados no **Rural Semanal** podem ser reproduzidos, integral ou parcialmente, desde que a fonte seja citada e que não haja alteração de sentido nos conteúdos. Crédito para textos: nome do autor (CCS/UFRRJ) ou CCS/UFRRJ. Crédito para fotos: nome do fotógrafo (CCS/UFRRJ).

Divulgação



Premiado. Durante congresso de informática, Elias Silva Junior apresenta seu projeto, que ficou em primeiro lugar na categoria “Software Educativo”

Computação e **acessibilidade**

Servidor Elias dos Santos Silva Júnior é autor de projeto que auxilia alunos deficientes visuais

Filipe Lima

Nos últimos anos, o acesso à universidade e às escolas por alunos com deficiência subiu consideravelmente. Essa realidade passa diretamente por leis que garantem o direito destas pessoas ao ingresso. Contudo, manter-se nas instituições ainda é um desafio, justamente pela falta de estrutura. Nesta edição do **Rural Semanal**, conversamos com Elias dos Santos Silva Junior, servidor da Coordenadoria de Tecnologia da Informação e Comunicação (Cotic) e autor do projeto “A Computação Inovando em Mapas Táteis: Uma Tecnologia Assistiva que inclui Alunos com Deficiência Visual em seu Processo de Ensino e Aprendizagem”. A pesquisa ganhou primeiro lugar na categoria “Software Educativo”, e o terceiro em “Melhor Dissertação”, durante o Congresso Brasileiro de Informática na Educação, realizado em outubro, na cidade de Fortaleza/CE.

Orientado pelos professores Ruth Mariani e Sérgio Crespo, do mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (UFF), Elias adicionou elementos sonoros a um mapa tátil, dispositivo intuitivo capaz de reunir textos em braille, cores e alto relevo, ajudando diretamente na inclusão de deficientes visuais.

Como surgiu seu interesse em abordar temas relacionados a acessibilidade e inclusão?

Elias Silva Junior – Trabalhei

na Universidade Veiga de Almeida, na área computacional do câmpus em Cabo Frio, e a gente recebeu a inscrição de um aluno cego. Tivemos dificuldades em incluí-lo nas atividades acadêmicas. Com ajuda de professores, técnicos e minha equipe, conseguimos dar o mínimo de suporte para o estudante. Em 2016, fui aprovado para o mestrado na UFF e lembrei a dificuldade que aquele aluno teve. Então, assumi a responsabilidade de tentar encontrar um problema na área de deficiência visual que pudesse

resolver com preceitos computacionais.

Seu trabalho com mapas táteis desenvolveu diretamente o ensino de Geografia. Por que essa área especificamente?

E. S. J – Quando trabalhamos com a deficiência visual, existem estratégias que são comprovadas cientificamente. Uma delas é que devemos desenvolver no aluno a orientação e a mobilidade. E a geografia é a disciplina que desenvolve a questão do deslocamento.

Os testes de sua pesquisa no Instituto Benjamin Constant – tradicional instituição de ensino para deficientes visuais – foram um sucesso. Já consegue ver seu trabalho incorporado ao ensino regular em outras instituições?

E. S. J – Inicialmente, o pesquisador precisa conter as emoções para não contaminar os resultados. A questão do Benjamin Constant foi muito importante, pois teve toda a expectativa de ter um retorno positivo da pesquisa.

Então, uma das perguntas feitas foi: “Quando este produto vai estar disponível em sala de aula?”. Mas expliquei que era uma pesquisa em fase inicial.

Sendo servidor, como você avalia sua trajetória aqui dentro da Universidade?

E. S. J – Minha área sempre foi tecnologia. Sempre gostei de atuar na área da eletrônica e da computação. Então, eu vejo minha trajetória aqui dentro justamente como contribuição para esse setor, tentando manter toda a estrutura computacional da Universidade funcionando, mesmo com todas as adversidades – muitas vezes financeiras; afinal, sabemos que essa parte é bem cara. É nosso dever fazer com que a UFRRJ venha a atender melhor os alunos, inclusive os deficientes. Eu acredito que o maior desafio é justamente criar ferramentas que venham a fornecer acesso para todos, assim como manter isso disponível durante a trajetória acadêmica desses alunos. ■



O ano da Fazendinha

Parceria. Localizada no Km 47, a Fazendinha é um espaço compartilhado por UFRRJ, Embrapa e Pesagro-Rio

Em seu 25º aniversário, espaço agroecológico coleciona conquistas e histórias

Matheus Brito

A Fazendinha Agroecológica do Km 47 comemora, neste mês de dezembro, 25 anos de história. O Sistema Integrado de Produção Agroecológica (Sipa) foi idealizado pelos pesquisadores Raul de Lucena (professor da Rural falecido em 2018) e Dejair Lopes de Almeida, da Embrapa Agrobiologia. Numa área de 70 hectares em Seropédica/RJ, são desenvolvidas ações direcionadas à graduação e pós-graduação, ao uso de tecnologias e a processos de manejo orgânico.

Desde o início da parceria entre a Embrapa Agrobiologia, a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (Pesagro-Rio) e a UFRRJ, em 1993, foi possível integrar atividades de produção animal e vegetal, priorizando a reciclagem de nutrientes, usando desenhos de sistemas agrícolas diversificados, além da pecuária leiteira e adubação verde. No espaço funciona também o Centro de Formação em Agroecologia e Agricultura Orgânica (CFAAO) e o mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica (PPGAO/UFRRJ).

Projeto premiado

Fruto de um esforço de pesquisadores, técnicos, estudantes e das instituições parceiras, a Fazendinha recebeu, em novembro, o Prêmio de Meio Ambiente 2018, concedido pelo Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio de Janeiro (Crea-RJ). O projeto foi premiado pelo desenvolvimento de novas tecnologias, pela formação de recursos humanos e pelo incentivo à agroecologia e à produção orgânica no país.

Representando a Universidade Rural na premiação, o reitor Ricardo Berbara comemora o reconhecimento que a Fazendinha obteve: “É um orgulho. É

motivo de honra para a instituição ter um projeto tão bem-sucedido e de tamanho impacto”.

Fazendinha em festa

Os 25 anos da Fazendinha foram celebrados em 5 de dezembro, com atividades realizadas durante todo o dia. O evento contou com exposições de fotos, café da manhã com alimentos produzidos no local, relatos dos profissionais que atuam ou atuaram no espaço, mesa-redonda, apresentações culturais, além da exibição de um filme sobre os 20 anos do projeto.

A mesa de abertura foi composta pelo reitor Ricardo Berbara; Gustavo Ribeiro Xavier, chefe da Embrapa Agrobiologia; Silvio Galvão, diretor técnico da Pesagro-Rio; e pelo professor Marden Marques, do Colégio Técnico da Universidade Rural (CTUR). A celebração também foi escolhida para o lançamen-

to da nova identidade visual da Fazendinha, criada pela Coordenadoria de Comunicação Social (CCS), Imprensa Universitária e comissão organizadora do evento.

Dividindo-se em atividades de ensino, pesquisa e extensão, mais de 40 tecnologias que melhoram sistemas de produção de alimentos já foram desenvolvidas no local. Com cerca de 20 mil visitantes e mil eventos catalogados, entre 2000 e 2018, a Fazendinha é referência em agroecologia e agricultura orgânica no país.

Além disso, abastece parcialmente o Restaurante Universitário. “É um projeto que demonstra o poder do serviço público, a capacidade de articulação das energias acadêmicas e científicas, em torno de uma meta de produção sustentável” conclui o reitor. ■



Rural fortalece ações de mobilidade acadêmica

Iniciativas integram o Plano Institucional de Internacionalização

Michelle Carneiro

Graduandos são o foco dos recentes editais de mobilidade internacional publicados pela UFRRJ. Em ação inédita, recursos institucionais foram destinados ao intercâmbio dos estudantes. Objetivo principal é enriquecer a formação técnico-científica e cultural dos ruralinos, assim como despertar o interesse pela formação continuada em cursos de pós-graduação.

Todas as iniciativas passam pela Coordenadoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (Corin), responsável por executar a política de relacionamento acadêmico e de internacionalização da Rural. “A mobilidade dos graduandos é um dos componentes fundamentais do Plano Institucional de Internacionalização aprovado em 2017”, explica o coordenador da Corin, José Luis Luque.

A internacionalização implica tanto a mobilidade de pessoas, quanto de conhecimento. As bases dessa dinâmica são construídas por meio de acordos de cooperação acadêmica estabelecidos com universidades de todo o mundo. “Objetivamos aumentar a quantidade destes acordos. As viagens internacionais que realizamos são importantes para definir novas parcerias”, pondera Luque.

Primeiro destino: Península Ibérica

Universidades de Portugal

e da Espanha foram o destino dos primeiros 15 intercambistas da Rural. Os estudantes enfrentaram forte concorrência interna – a seleção totalizou 345 inscritos de diversas áreas de conhecimento. Os selecionados receberam auxílio financeiro no valor de R\$ 12 mil para estudar no exterior durante o segundo semestre deste ano.

A Corin acompanha de perto o atual período de intercâmbio. No início de novembro, o professor Luque realizou uma missão de avaliação com visitas à Universidade do Porto (U.Porto) e à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Utad). “O programa é um sucesso”, atesta. Está previsto para o próximo ano o lançamento de um segundo edital ibérico.

Beatriz Farias, 22 anos, graduanda em Farmácia, avalia a relevância da experiência. “Ampliei minha visão sobre os desafios e possibilidades na área que escolhi. Outro ponto importante são as aulas laboratoriais que

acabam preenchendo lacunas e agregando novos conhecimentos”, disse a estudante que está em mobilidade acadêmica na U.Porto.

Já Nicolas Caparelli, 23 anos, estudante de Medicina Veterinária, menciona o quanto é gratificante realizar um intercâmbio na Utad. “O Hospital Veterinário da Utad é referência na região e muito colabora para o aprendizado prático na área de clínica de animais de companhia, medicina de animais de produção e de animais exóticos”, disse.

A vez da América Latina

O ano de 2018 também contou com aumento expressivo de acordos de cooperação com instituições latino-americanas. A consequência será o lançamento, em breve, do primeiro edital de mobilidade internacional para América Latina e o Caribe. “Precisamos valorizar a importância da internacionalização com foco regional. Esse é um ponto moderno de discussão: a integração regional por meio da intensificação da mobilidade”, explica Luque.

Também neste sentido, foram lançados dois editais em parceria com o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB): o Programa Bracol, de intercâmbio de estudantes

Universidade do Porto.

Instituição portuguesa foi um dos destinos dos intercambistas da Rural em 2018

Brasil-Colômbia; e o Programa Bramex, Brasil-México. Cada um ofereceu cinco vagas. A mobilidade se dará no primeiro semestre de 2019 e contará com o aspecto da reciprocidade – a UFRRJ também receberá estudantes colombianos e mexicanos.

Próximos passos

Além da expansão do número de vagas nos programas de mobilidade internacional, outro desafio é torná-los mais inclusivos. É o que explica Luque ao mencionar o grande quantitativo de estudantes que não teria condições econômicas de permanecer durante todo um semestre no exterior com o auxílio outorgado pela Universidade. O pouco domínio de línguas estrangeiras é outra barreira a ser superada.

“Avaliamos a melhor maneira de proporcionar uma experiência internacional aos participantes de programas de assistência estudantil, por exemplo. Com isso pretendemos lançar ano que vem o primeiro edital de internacionalização inclusiva. A expansão do ensino de idiomas estrangeiros também terá papel central nesta questão”, conclui Luque.

Para saber mais sobre mobilidade internacional, acesse o website: <http://institucional.ufrrj.br/corin/> ■

MESA VIRTUAL Reprodução

PROCESSOS NA UNIDADE

TODOS DA UNIDADE

FILTROS

Mostrar 25 Processos 0 Itens Selecionados

Processo	Equipe	Prazo	Natureza	Situação
<input type="checkbox"/> 23083.021394/2018-08 CONTRATAÇÃO	---	INDEFINIDO	OSTENSIVO	● ATIVO
<input type="checkbox"/> 23083.021322/2018-52 CONTRATAÇÃO	---	INDEFINIDO	OSTENSIVO	● ATIVO
<input type="checkbox"/> 23083.019212/2018-21 AFASTAMENTO DA UFRRJ	---	INDEFINIDO	OSTENSIVO	● ATIVO
<input type="checkbox"/> 23083.017957/2017-74 DELIBERAÇÃO	---	INDEFINIDO	OSTENSIVO	● ATIVO
<input type="checkbox"/> 23083.005175/2017-92 AQUISIÇÃO	---	INDEFINIDO	OSTENSIVO	● ATIVO
<input type="checkbox"/> 23083.000223/2017-56 RESSARCIMENTO	---	INDEFINIDO	OSTENSIVO	● ATIVO
<input type="checkbox"/> 23083.010273/2016-61 AQUISIÇÃO	---	INDEFINIDO	OSTENSIVO	● ATIVO

1 - 7 de 7 Processos

Primeira Anterior 1 Próxima Última

Interface amigável. Dentro do módulo Protocolo, no Portal Administrativo do SIG, o usuário pode acessar o Mesa Virtual e trabalhar digitalmente com os processos

Ágil, descomplicado e sustentável

Iniciado neste ano, processo 100% digital avança na UFRRJ

João Henrique Oliveira

Cena “clássica” no serviço público: em sua mesa de trabalho, o servidor se espreme entre pilhas e mais pilhas de processos administrativos. Um cenário que, graças à tecnologia, pode definitivamente ficar no passado. No lugar das montanhas de papel, a UFRRJ já vem experimentando um procedimento totalmente digital na tramitação de seus documentos. Trata-se da Mesa Virtual, uma interface que traz mais simplicidade e rapidez ao trabalho. A ferramenta é uma funcionalidade do Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contratos (Sipac), que faz parte do Sistema Integrado de Gestão (SIG). Em fase de testes neste ano, a expectativa é de que o sistema 100% digital avance e alcance, no final de 2019, cerca de 70% dos processos da Universidade.

“As vantagens são muitas. Teremos mais agilidade na circulação do processo, redução de papel e economia de espaço no arquivamento”, aponta o pró-reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional, Roberto Rodrigues. “Isso vai reduzir custos também, pois não haverá necessidade, por exemplo, de enviar malote para um dos câmpus fora de Seropédica. Outro benefício é a transparência, já que qualquer pessoa pode consultar o processo, desde que não seja classificado como sigiloso”.

Rodrigues explica que a utilização de documentos administrativos no formato digital na web se insere na lógica do

Processo Eletrônico Nacional (PEN), uma iniciativa conjunta de órgãos e entidades de diversas esferas da administração pública federal. “A expectativa do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão (MPOG) é que a implantação do PEN traga maior agilidade, produtividade, transparência, satisfação do usuário e redução de custos na tramitação e publicidade dos processos administrativos”, disse o pró-reitor.

Integração dos câmpus

Na Rural, desde junho de 2017, todos os processos cadastrados no Sipac também precisam ser despachados eletronicamente. Nesses casos, o

documento físico também circula, numa espécie de sistema híbrido.

Em 2018, a Pró-Reitoria Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional (Propladi) deu início ao trâmite 100% em alguns setores. Esse é o caso dos processos que tratam dos afastamentos de servidores, dentro e fora do Brasil. “A aplicação da Mesa Virtual nesses casos foi muito positiva. E o ganho em agilidade foi imenso”, avalia o pró-reitor adjunto da Propladi, Fábio Cardozo. “Nosssa meta para o ano que vem é tornar digitais os processos de progressão docente”, acrescentou.

Responsável técnico pela implantação do Sipac na UFRRJ, o analista de tecnologia André Gustavo de Oliveira vem acompanhando a introdução da Mesa Virtual. No contato com os usuários, o servidor da Coordenadoria de Tecnologia da Informação e Comunicação (Cotic) pôde avaliar como os servidores estão lidando com a nova ferramenta. “De maneira geral, a receptividade é muito boa. As pessoas tendem a gostar porque tira a complexidade”,

afirma Oliveira. “A dificuldade inicial é quanto à adaptação, a sair do lugar comum. Causa certa estranheza no começo, mas depois que a gente consegue mostrar a qualidade, as pessoas se convencem de que a mudança é para melhor”.

André Oliveira também destacou a boa acolhida dos servidores dos câmpus mais distantes, como Campos dos Goytacazes e Três Rios. Nas apresentações que fez nesses locais, o técnico da Cotic ouviu reclamações quanto à demora ou ao extravio de processos vindos de Seropédica. Com a Mesa Virtual, tais problemas devem ser contornados. “Com o fluxo digital, eu posso abrir o processo aqui em Seropédica de manhã e, um minuto depois, ele já está disponível para Campos, Três Rios ou Nova Iguaçu. Essa integração maior e entre os câmpus é um dos pontos positivos do sistema”, argumenta Oliveira.

A expectativa da Propladi/Cotic é de que, até o final de 2019, cerca de 70% dos processos da Universidade sejam feitos totalmente no sistema digital. ■



Diferentes mídias. As histórias de Nana & Nilo estão presentes em múltiplos formatos como desenhos animados, livros de colorir e quadrinhos

Você precisa conhecer **a Nana e o Nilo**

Protagonistas negros aproximam as crianças de sua história e ancestralidade

Michelle Carneiro

As aventuras vividas pelos irmãos gêmeos Nana e Nilo, em companhia de um pássaro e de uma árvore milenar, resgatam a importância do brincar livremente, a relação com o meio ambiente e o protagonismo positivo negro na fase infantil. Os personagens têm nomes associados à cultura africana e indígena. Sem estereótipos e clichês, o público é apresentado à história e à cultura afro-brasileira.

‘Nana & Nilo’ é fruto de uma parceria entre o autor Renato Nogueira, professor do Departamento de Educação e Sociedade (DES/UFRRJ); o ilustrador Sandro Lopes, professor do Departamento de Artes (Dartes/UFRRJ); e a designer Cris Pereira. Além de livros infantis, os personagens estão presentes em livros de colorir, quadrinhos, desenhos animados, CDs e DVDs de músicas tradicionais.

Sandro Lopes menciona a importância de o projeto utilizar diferentes mídias e inserir a diversidade étnico-racial na produção feita para a infância no Brasil. “Mesmo os brasileiros se declarando, majoritariamente, negros e sendo o país com

a maior população negra fora da África, as nossas animações continuam sub-representando os negros e hiper-representando os brancos”, afirma.

Para além do 20 de novembro

O projeto preenche uma lacuna: a pouca variedade de materiais produzidos no país sobre a história e cultura africana e indígena. Esse é um dos entraves para levar, de vez, o tema para as salas de aula. A legislação que tornou obrigatório o ensino da cultura e da história afro-brasileira e africana na educação básica completou 15 anos em 2018; enquanto a lei que instituiu a obrigatoriedade do ensino sobre os povos indí-

genas completou 10 anos.

Apesar dos avanços, as leis não são efetivamente cumpridas. Em muitas escolas o debate antirracista ainda se restringe ao mês de novembro e à comemoração do Dia da Consciência Negra. Para Nogueira é imprescindível o fomento de uma cultura antirracista. “E isso leva tempo. Por decreto não resolvemos coisas que são inconscientes e arraigadas. Ainda temos muito a caminhar”, pondera.

Merecem atenção os recentes casos de professores de ensino fundamental perseguidos ao abordar a história e a cultura afro-brasileira. O desconhecimento e a intolerância por parte de pais e responsáveis dificultam ainda mais o trabalho dos educadores, que precisam valorizar a diversidade, promover a igualdade e estimular a reflexão sobre preconceito racial no cotidiano escolar. “A escola só pode ser democrática se enfrentar o racismo”, afirma Nogueira.

Autoestima fortalecida

O debate antirracista nas salas de aula, assim como o protagonismo dos personagens negros, atinge a infância de forma positiva. É o que explica Lopes ao mencionar que tais experiências permitem a todas as crianças um maior entendimento de si e dos outros, o que contribui para o conhecimento e a aceitação com relação ao diferente.

“No caso daquelas que nunca são representadas, essas narrativas permitem uma possibilidade de serem iguais a todos, fortalecendo a sua autoestima e seu pertencimento étnico”, pontua Lopes. “A autoestima das crianças negras passa por ressignificar a raça negra, o que só pode ser feito envolvendo todos os grupos raciais da sociedade brasileira num amplo, franco e profundo debate”, conclui Nogueira. ■





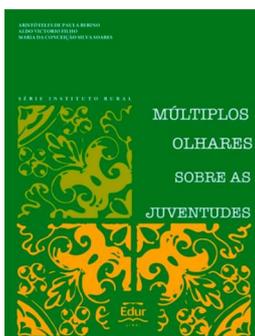
Pesquisadores do CCG

participam do livro 'Perfil Campos 2018'

No dia 13 de novembro, no auditório da sede da prefeitura de Campos dos Goytacazes, foi lançado o livro 'Perfil Campos 2018'. O evento contou com a presença do prefeito Rafael Diniz, secretários, superintendentes e representantes da sociedade civil organizada. O diretor do Câmpus Campos dos Goytacazes (CCG), Jair Felipe Garcia Pereira Ramalho, representou a UFRRJ.

O livro contém 11 capítulos com os indicadores do município. O capítulo 10, que aborda a agropecuária, foi escrito pelos pesquisadores da do CCG Willian Pereira, Elizabeth Fonsêca Processi, Antônio de Amorim Brandão, Hamilton Jorge de Azevedo, Giovane Leal de Souza Silva, Gustavo Cardoso de Oliveira Dias, Tamys Luiz Fernandes e Jair Felipe Garcia Pereira Ramalho.

Por Gabriela Lessa, estagiária de jornalismo do CCG



Edur lança livro

sobre juventudes na contemporaneidade

A Editora da Universidade Rural (Edur), vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, lançou o livro 'Múltiplos Olhares Sobre as Juventudes'. A obra reúne artigos com diferentes abordagens sobre o tema. Organizado por Aldo Victorio Filho, Aristóteles de Paula Berino e Maria da Conceição Silva Soares, o livro está disponível em formato digital. Para adquiri-lo gratuitamente acesse: <https://bit.ly/2KGisdP>

CTUR premiado

O Colégio Técnico da Universidade Rural (CTUR) recebeu os prêmios de destaques Regional e Nacional da 9ª Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente pelo trabalho "Os Mensageiros de Gaia", na categoria produção de texto. O concurso é organizado pela Fundação Oswaldo Cruz. O trabalho é de autoria dos estudantes do Curso Técnico em Meio Ambiente, Tiago Nascimento da Silva Faria (turma 26), Mariana Guimarães Gomes (turma 36), Nathália de Jesus Silva (turma 36), Gabriel Marins Campos (turma 36), João Gabriel Aguilera Ramos Monteiro Pinho (turma 36), João Cláudio Ribeiro Gomes Muniz (turma 36) e Matheus Bandeira Viana (turma 36); e do Curso Técnico em Agroecologia, Tainá de Oliveira Silva (turma 34). A orientação foi das professoras Ana Lúcia da Costa Silveira e Dayhane Alves Escobar Ribeiro Paes.

Libras no ICHS

Parabenizo a iniciativa do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), mostrada na matéria "Sinais de integração" (**Rural Semanal** 14/2018). Porém, não poderia deixar de rememorar um curso de Libras que também foi oferecido no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) em 2016. Voltada para servidores, a capacitação foi uma iniciativa dos professores do Departamento de Letras e Comunicação (DLC), tendo como responsável a professora Ana Carla Zinner. Fui aluna ao lado de colegas do Departamento de Pessoal, departamentos e coordenações de cursos, entre outros. Foi algo memorável para minha carreira durante os sete anos em que aí estive. *Elza Helena dos Santos Alves, ex-servidora da UFRRJ*

Rural no IFRJ

As estudantes Bárbara Fernandes (Economia/ICSA-Seropédica) e Carla Dantas (Letras/IM - Nova Iguaçu) participaram do II Seminário de Filosofia Africana e Afro-diaspórica, realizado em novembro no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), unidade Nilópolis. Orientadas pelo professor Rafael Vieira (Departamento de Ciências Econômicas/ICSA), as alunas apresentaram o trabalho "Linguagem afro-diaspórica nas relações socioambientais em comunidades quilombolas: educação e identidades intergeracionais".

Até breve

Esta é a última edição do ano do **Rural Semanal**. Faremos uma pausa durante o recesso acadêmico, retornando no início do primeiro período letivo, em 11 de março de 2019. Contudo, não deixaremos os leitores sem informação. Continuaremos a divulgar notícias e eventos no portal da UFRRJ e nas redes sociais (*Facebook* e *Twitter*). Boas festas e férias!

Rural Semanal

Reitor: Ricardo Luiz Louro Barbra | **Vice-Reitor:** Luiz Carlos de Oliveira Lima | **Pró-Reitora de Assuntos Administrativos:** Amparo Villa Cupolillo | **Pró-Reitor de Assuntos Financeiros:** Reginaldo Antunes dos Santos | **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis:** Cesar Augusto Da Ros | **Pró-Reitor de Graduação:** Joecildo Francisco Rocha | **Pró-Reitor de Extensão:** Roberto Carlos Costa Lelis | **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:** Alexandre Fortes | **Pró-Reitor de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento Institucional:** Roberto de Souza Rodrigues || **COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | Coordenadora de Comunicação Social:** Alessandra de Carvalho | **Jornalistas:** Fernanda Barbosa, João Henrique Oliveira, Michelle Carneiro, Miriam Braz e Ricardo Portugal | **Capa:** Patricia Perez | **Estagiários:** Caroline Verly, Douglas Colarés, Filipe Lima, Laura Rosa, Matheus Brito e Yago Monteiro (Seropédica); Gabriela Lessa (Campos dos Goytacazes) | **Projeto Gráfico:** Patricia Perez | **Diagramação:** Alexandre Souza e Patricia Perez | **Imagens:** Freepick e Freelmages || **Redação:** BR 465, Km 47, UFRRJ, Pavilhão Central, sala 131. Seropédica, RJ. | CEP: 23897-000 | Tel: (21) 2682-2915 | E-mail: comunicacao@ufrrj.br | Portal: <http://portal.ufrrj.br> | Impressão: Imprensa Universitária | Tiragem: 1000

